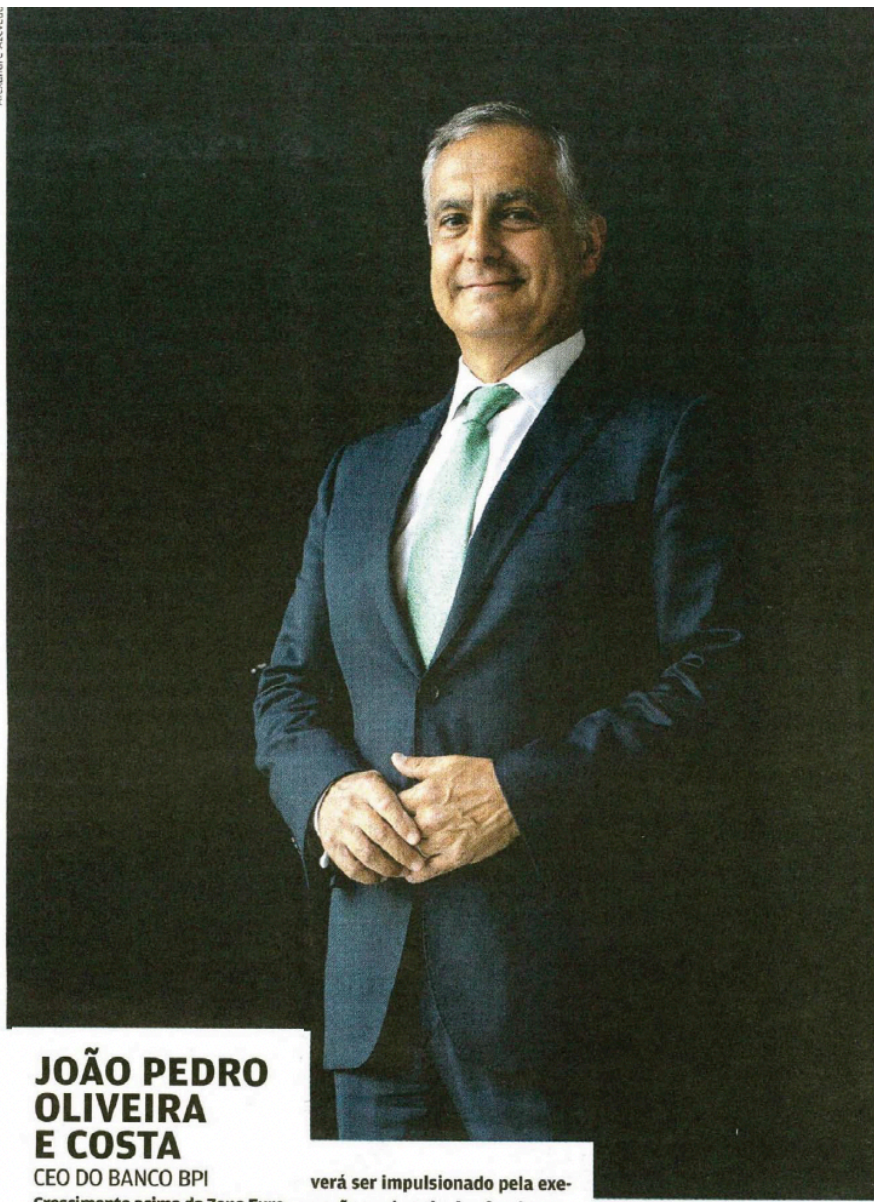




JOÃO PEDRO OLIVEIRA E COSTA

CEO DO BANCO BPI
Crescimento acima da Zona Euro, inflação controlada, taxas de juro praticamente estáveis depois de uma descida relevante. Este é o quadro em que acredito que iremos navegar em 2026, um panorama que convida ao investimento e que, em Portugal, de-

verá ser impulsionado pela execução acelerada dos fundos comunitários no último ano do PRR. Na Europa há espaço para algum otimismo em termos económicos, atendendo ao enfoque no avanço dos investimentos em defesa e ao plano de infraestruturas alemão. Globalmente, os investimentos

em IA e os seus resultados, as tensões persistentes entre os EUA e a China bem como o tema da dívida pública e as políticas orçamentais, deverão manter-se como fortes “drivers” do sentimento global.



SANDRA FAZENDA DE ALMEIDA

DIRETORA EXECUTIVA DA APDC

Em 2026, Portugal deverá promover um desenvolvimento assente no conhecimento, na tecnologia e na colaboração efetiva entre ciência, empresas e Estado. A inteligência artificial, a digitalização dos serviços públicos e priva-

dos e o reforço das competências digitais serão decisivos para aumentar a produtividade e a competitividade da economia. Em paralelo, será crítico garantir coesão territorial e social, fixando talento no interior e promovendo uma transição digital e verde justa. O sucesso dependerá menos de planos isolados e mais da capacidade de execução, cooperação e visão de longo prazo.

ao mundo e o impacto geopolítico que tal provocará! Com o documento “National Security Strategy”, dado a conhecer por Donald Trump, ficamos agora com a certeza de que cada país vai ter de fazer a sua parte, seja na vertente económica, social ou de defesa, e que a “desglobalização” e o “reshoring” irão acontecer de forma acelerada. Se há país que sempre soube apontar o caminho ao mundo e fazer acontecer em tempo útil é seguramente os EUA... A Europa que saiba ler esta “mensagem”, que, por si só, é um instrumento muito valioso para alinhar o azimute!

GUILLERMO SOLER DIRETOR-GERAL DA ENDESA PORTUGAL

Antecipamos um cenário positivo para 2026, com inflação controlada, taxas de crescimento em torno de 2,2% e desemprego próximo de 6%. Em termos económicos, o consumo interno e o investimento serão elementos-chave, considerando, no entanto, o menor impacto dos fundos europeus. Socialmente, mantém-se a oportunidade de avanço na digitalização, eletrificação, energias renováveis e turismo. Por último, do ponto de vista político, é previsível e desejável um cenário de estabilidade, acompanhado por medidas de simplificação administrativa e previsibilidade regulatória.

ARLINDO DA COSTA LEITE PRESIDENTE DA VICAIMA

As previsões para 2026 apontam para um cenário de crescimento global moderado e frágil, com tendências regionais divergentes e a contínua luta contra a inflação. A OCDE e o Banco Mundial preveem um ligeiro abrandamento do crescimento do PIB mundial, que deverá situar-se entre 2,7% e 2,9%. Este ritmo é considerado insuficiente para promover um desenvolvimento económico robusto e sustentado, especialmente para as economias em desenvolvimento. Espera-se que a inflação continue a baixar gradualmente na maioria das economias principais, com as previsões a apontarem para uma descida nos países do G20. No entanto, os riscos fiscais e a volatilidade dos preços das matérias-primas podem dificultar esta trajetória.

Economias Avançadas (como a Zona Euro): O crescimento deverá manter-se estável ou abrandar ligeiramente (por volta de 1,1%-1,2%).

Economias Emergentes: Deverão ser o principal motor de crescimento, mas com grande diversidade. A Índia destaca-se com projeções de crescimento sólidas (acima dos 6%), enquanto a China enfrenta desafios contínuos no setor imobiliário e riscos de tensões comerciais.

A IA é vista como um fator-chave de investimento e produtividade, impulsionando um “boom” de investimento em infraestrutura tecnológica que pode compensar, em parte, os impactos das perturbações geopolíticas. O ano de 2026 será moldado por tensões

geopolíticas persistentes, mas com uma reconfiguração da dinâmica global e a crescente influência da tecnologia. As tensões geopolíticas e os conflitos comerciais continuam a ser um risco central, levando a uma reconfiguração da globalização e exigindo que as empresas e países busquem maior resiliência e soberania de dados.

A incerteza é uma constante, exigindo que as empresas adotem uma abordagem estratégica e descentralizada para lidar com interrupções geopolíticas e mudanças regulatórias. A adoção e regulamentação da IA serão temas centrais. Espera-se uma segunda fase da IA a ganhar tração em 2026, com o foco em sistemas autónomos e aplicações industriais. Contudo, há também uma crescente preocupação com a confiança do consumidor e a ética no uso da IA.

Há uma perceção de que o ritmo da economia global está a mudar, com a Europa, a China (apesar dos seus desafios) e a Índia a emergirem como polos de crescimento, oferecendo oportunidades de diversificação para os investidores.

Em suma, 2026 perspetiva um crescimento económico que, embora não seja espetacular, deverá ser estável, alicerçado numa inflação em declínio gradual e no forte impulso do investimento em IA. No entanto, o cenário global será fortemente marcado pela fragmentação geopolítica e pela necessidade de resiliência face aos riscos persistentes.

NUNO SARAIVA DE PONTE CEO DA VIA SÉNIOR

O ano de 2026 continuará a ser desafiante, tendo em conta as persistentes tensões geopolíticas, nomeadamente a continuação da guerra na Ucrânia, a instabilidade no Médio Oriente e, ainda que com menos impacto, os focos de terrorismo em África, com a perseguição de cristãos. A performance da economia portuguesa deverá continuar a assentar sobretudo na procura interna, que estabilizará em parte pela pressão dos salários e à ainda elevada carga fiscal sobre os mesmos.

No atual contexto de pirâmide etária invertida, as famílias portuguesas continuarão a ter um acesso com algumas restrições aos cuidados de saúde públicos, tendo de se socorrer, no caso dos idosos, da atual oferta de Residências Sénior e Lares de Idosos para um melhor acompanhamento dos seus elementos mais velhos.

NUNO GARCIA DIRETOR-GERAL DA GESCONSULT

Antecipamos 2026 como um ano de continuidade no crescimento da GesConsult, consolidando a expansão de 2025, que deverá encerrar com um aumento de cerca de 40% face a 2024. A nossa ambição é clara: continuar a crescer a dois dígitos, tanto em clientes como em pessoas.

O principal desafio mantém-se no recrutamento e na escassez de mão de obra qualificada, um constrangimento transversal ao setor. Ainda assim, o mercado continua di-